

DO FOLCLÓRICO AO POPULAR: REPRESENTAÇÕES E APROPRIAÇÕES DO REISADO DE CONGO NO MUNICÍPIO DE BARBALHA (1970 - 1980)

Simone Pereira da Silva *

Resumo: O presente artigo tenta compreender a construção de representações sociais por parte do poder público de Barbalha e pelos brincantes do Reisado de Congo sobre a referida manifestação, bem como, as (re)significações simbólicas operadas a partir da interferência pública da municipalidade barbalhense nas décadas de 1970 a 1980, momento de início e consolidação de mudanças na expressão do folguedo em questão.

Palavras Chave: folclore, (re)significação, cultura.

Abstract: The present paper analyses the construction of social representations by the public power of Barbalha and by the “brincantes of Reisado of Congo” on their referred manifestation as well as the new meanings to the popular expression, starting from the interference of the municipality of Barbalha in the 1970’s to 1980’s, moment of the beginning and consolidation of changes in this cultural practice.

Keywords: folklore, (re)meaning, culture.

A região do Cariri é marcada por forte religiosidade popular que remete a acontecimentos do final do século XIX, período em que a Capela de Nossa Senhora das Dores, localizada em Juazeiro do Norte - CE, foi palco do fenômeno conhecido como “milagre da hóstia”, quando o pão eucarístico teria se transformado “em sangue na boca da beata Maria de Araújo durante a missa celebrada pelo Padre Cícero” (RAMOS, 2004: 348). Tal acontecimento resultou na atração de devotos para a referida cidade - tida por sagrada, e, conseqüentemente, o afluxo de fiéis favoreceu o crescimento econômico e político local.

Diante do “milagre” e dos resultados por ele provocados, o Crato - e posteriormente também a cidade de Barbalha - desenvolve políticas para se diferenciar e combater Juazeiro e, desta forma, firmar sua suposta “superioridade” intelectual e tradicional, visto que já tinha perdido para a cidade dos que classificavam como “fanáticos” do Padre Cícero, o domínio econômico e político da região.

As ações dos barbalhenses a respeito de Juazeiro do Norte em muito pareciam com as dos cratenses. Esta compatibilidade de costumes e visões favorecia a idéia de que as

* Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, onde desenvolve a pesquisa “Os sentidos da (re)invenção: representações e (re)significações simbólicas do Reisado de Congo em Barbalha - CE (1970-1980)”, sob orientação da Prof^a Dra. Carla Mary S. Oliveira.

idades eram co-irmãs e, portanto, dignas de homenagem. O que se percebe no jornal *A Ação*, pertencente à Diocese do Crato, é justamente isso:

O Crato Tênis Clube, pela sua Diretoria, já decidiu a realização de uma suntuosa festa de “black tié” [sic], ou seja, do mais alto nível social, festa essa a ocorrer durante o mês de Novembro próximo, quando será prestada significativa homenagem á sociedade de Barbalha, cidade co-irmã do Crato irmanada nos objetivos de aperfeiçoamento da sociedade caririense.

A festa será eminentemente social, e se exigirá de toda as damas uma tualête e todos os cavalheiros deverão trajar passeio escuro completo (*A Ação*, 16 set.1967, p. 06).

Esta festa de “black tié” [sic] objetivou mostrar o respeito que Crato tinha por sua co-irmã Barbalha, que vinha – assim como a primeira – atuando no aperfeiçoamento moral e cultural da sociedade caririense no interior do Ceará.

Nesse contexto surgiu, em 18 de outubro de 1953, o Instituto Cultural do Cariri - I.C.C., “(...) um espaço privilegiado [sic] para produção da crença no adiantamento cultural do Crato, através do qual esse grupo de ‘especialistas’ esmerou-se em ‘valorizar’ a tradição cultural cratense” (CORTEZ, 2000: 102).

Os intelectuais do ICC publicam, na década de 1950, na cidade do Crato, textos e livros que falam sobre as manifestações tidas como folclóricas, além de incentivarem a apresentação desses grupos na comemoração do centenário do Crato e no 4º Centenário de São Paulo (CORTEZ, 2000: 109). O instituto em questão fundou uma cultura histórica regional que discursava sobre o passado e a “preservação” do folclore caririense.

Um exemplo de elementos dessa Cultura Histórica a respeito das práticas populares do Cariri pode ser apreendido na obra *O folclore no Cariri*, do estudioso cratense J. de Figueiredo Filho. Nela se pode ver a atuação dos intelectuais como patronos e promotores do folclore regional:

Desde outubro de 1953, por ocasião das empolgantes festividades, em comemoração ao centenário de elevação do Crato à categoria de cidade, que o folclore caririense apareceu, com tôda a sua pujança. Para figurar naqueles festejos, foi preciso muito esforço do grupo intelectual, que depois fundou o Instituto Cultural do Cariri. Ainda existia certo ranço de prevenção contra os folguedos que nasceram da vida anônima do povo simples, dos brejos e pés-de-serra. Mas, tudo foi contornado e vencido pela gente que lia e escrevia, na tradicional e progressista cidade do Crato (1962: 07).

Nota-se, a partir daí, que outras cidades, como é o caso de Barbalha, passam a inserir os grupos, dentre os quais está o Reisado de Congo - prática cultural há muito existente na região¹ - nos eventos culturais, políticos e, sobretudo, religiosos.

¹ Existia na Barbalha em meados do século XIX, a festa dos Reis de Congo. Esta era praticada pelos negros cativos da localidade, em homenagem a Nossa Senhora do Rosário – cuja irmandade foi fundada em 1860.

Até o início da década de 1970, os grupos folclóricos faziam suas atuações nas práticas costumeiras, ou seja, no dia do padroeiro de Barbalha, Santo Antônio, em 13 de junho, a festa se resumia à realização do cortejo do pau da bandeira e à celebração eucarística, não ocorrendo, desta forma, nenhum tipo de folguedo.

O Cortejo do pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha teve início, em 1928, por iniciativa do então vigário padre José Correia Lima. Neste momento, resumia-se basicamente ao carregamento do pau do sítio São Joaquim até a Igreja Matriz, onde era fincado com a bandeira do santo padroeiro. Neste período, ainda não se pode falar propriamente em festa, conforme é concebida nos dias atuais (SOUZA, 2000: 20).

A partir de 1973, o poder público barbalhense iniciou uma parceria com a paróquia, a fim de implementar ações com o objetivo de dar maior visibilidade à festa do padroeiro. Foi o início de mudanças intensas na festividade e, conseqüentemente, nos grupos de cultura popular locais:

A transformação da Festa de Santo Antônio num acontecimento de turismo para ser visto e freqüentado não só pela população de Barbalha, mas por toda a região do Cariri, passou necessariamente pela ‘recuperação’ e ‘valorização’ do ‘folclore’ do município (SOUZA, 2000: 51).

Tais medidas de “recuperação” e “valorização”, geram apropriações e reinvenções por parte dos brincantes² do Reisado de Congo e, por extensão, (re)significações simbólicas, em maior ou menor grau. Em outras palavras, a espetacularização das artes populares produz, em certa medida, uma reinvenção dessas práticas por parte dos grupos que as constituem provocando, segundo Carvalho (2004), a morte das experiências sociais e políticas.

As invenções ou reformulações promovidas pelos participantes dos grupos folclóricos se tornam perceptíveis nas músicas, indumentárias ou na própria atuação teatral. O processo se intensifica com a atuação da prefeitura local, que fornece novas indumentárias, calçados padronizados e pagamento em troca da apresentação em comemorações e datas especiais, especialmente na Festa de Santo Antônio, padroeiro da cidade.

Os organizadores das festas do padroeiro de Barbalha, com o aval do poder municipal, passam a exigir a delimitação do tempo das encenações em quinze a vinte minutos,

(SILVA, 2007). Segundo Barroso (1996), o Reisado teria se originado no Ceará ainda no século XVIII, mediante a presença dos folguedos de Reis de Congos e Bumba-meu-boi, práticas culturais então existentes na região.

² Assim são denominados os participantes do Reisado na região do Cariri cearense. O termo também designa, em outras regiões do Brasil, os participantes dos folguedos populares.

ocasionando a marginalização dos *entremezes* ou “bichos”³, como eram comumente denominados, que fazem parte da composição do reisado. Estes são deixados ao léu no momento da encenação, a fim de possibilitar tempo para os outros grupos se apresentarem.

Além desta modificação, ocorreram outras, como no caso das roupas: a saia longa e branca utilizada até a década de 1970 passa a ser, por decisão dos integrantes do grupo do reisado, curta e de cor vermelha, usada com um calção curto por baixo. Os lencinhos de cor branca que os brincantes usavam ao lado da saia até 1982, para pedir dinheiro às pessoas que assistiam as apresentações, são também abandonados – porque o público já não mais fazia as contribuições como de costume. Assim, percebe-se que há uma série de mudanças no folguedo, mudanças essas que vão se intensificando com o passar do tempo.

Ainda na década de 1970 intensificaram-se as discussões, sobretudo na imprensa, sobre a questão turística na região, e com ela a preocupação com as resignificações operacionalizadas sobre o “folclore” local:

Mas o turismo não é, como muita gente imagina, a segurança e assento para agasalho e tranqüilidade do folclore. Nada disso. O turismo é simplesmente um apoio, em encosto para artesãos, tocadores, cantadores, quituteiras e dançadores de grupos conseguirem melhores condições econômicas. (A Ação, 23 ago. 1975, p. 03).

Essa idéia de constituir uma empresa, com finalidade também de proteger tais práticas, não era de um todo confiável para salvaguardar o “folclore” da modernização, e os estudiosos da época sabiam disso.

O “folclore” se tornou, desse modo, um instrumento a ser utilizado para integrar racionalmente o homem popular – leia-se aí a população de baixa renda – à sociedade capitalista, proporcionando uma oportunidade de “acessão” a esse estrato social, mudança essa muito mais simbólica do que financeira para os praticantes de tais saberes. Como muito bem se sabe, a sociedade capitalista é intrinsecamente marcada pela competição, pela busca do lucro, e o desenvolvimento econômico da região a partir dos anos 70 do século passado provocou nos brincantes a necessidade de reconhecimento público, traduzida na aceitação do apoio e, também, o conseqüente controle do folguedo pelo poder municipal.

Essas maneiras de fazer constituem as práticas pelas quais ocorre a reapropriação do espaço sócio-cultural pelos consumidores, ou seja, uma tática – forma pela quais os sujeitos sociais populares se sobressaem frente aos sistemas ou grupos dominantes. Tal processo, por sua vez, é tido por Michel de Certeau como estratégia – “cálculo das relações de forças que se

³ Entre eles estavam o *Gentí*, o *Boi*, a *Burrinha*, o *Jaraguá*, o *Javali*, o *Sapo*, o *Urubu* e o *Guriabá*, dentre outros.

torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ‘ambiente’ ” (CERTEAU, 1994: 46).

Em outras palavras, nos termos em que ele pensava, as pessoas comuns faziam seleções a partir de um repertório, criando novas combinações entre o que selecionavam e, igualmente importante, colocando em novos contextos aquilo de que haviam se apropriado. Essa construção do cotidiano por meio de prática de reutilização é parte do que de Certeau chama de “tática”. Os dominados, sugere ele, empregam táticas, mais que estratégias, porque sua liberdade de manobra é restrita, opera dentro de limites estabelecidos por outros (BURKE, 2005: 103).

É através dessas formas de manobra que os brincantes do Reisado do Congo de Barbalha utilizaram de sua liberdade para adaptar seu repertório e suas concepções às novas exigências turísticas e do poder municipal, iniciadas na década de 1970 e, de certa forma, continuadas na década de 1980 e nas seguintes.

Essas micro-adaptações, na visão de Michel de Certeau (1994), são resultados do jogo de táticas silenciosas que agem sob a imagem de obediência e uniformização empregadas pela cultura ordinária.

A presença e a circulação de uma representação (ensinada como o código da promoção sócio-econômica por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indicando de modo algum o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam. Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização (CERTEAU, 1994: 40).

A manipulação a que Certeau se refere pode ocorrer através de apropriação e re-apropriação dos saberes. É aí que se enquadra o conceito de representação e apropriação de Roger Chartier. Para este segundo autor, as representações permitem perceber como a realidade é construída pelos diferentes grupos, como as práticas que objetivam firmar identidade social exibem uma maneira própria de ser e, também, como uma forma institucionalizada perpetua a vivência do grupo, enquanto que as apropriações remetem às interpretações sociais, institucionais e culturais ⁴.

Uma das representações construídas pelos brincantes do Reisado reflete o entendimento da manifestação como uma oportunidade de se beneficiar financeiramente, a partir do reconhecimento do povo e da mídia para sua prática, nem que para isso seja necessário reinventar a manifestação e os elementos simbólicos que justifiquem sua importância enquanto um elemento constitutivo do sentimento de identidade social e pertencimento à tradição de raízes locais.

⁴ CHARTIER, 1990. Ver também: VAINFAS, 1997.

Percebe-se que a partir das experiências do presente, os sujeitos ressignificam seu passado, imprimindo a ótica vigente daquele momento. As práticas de um povo são construídas a partir destes fios que formam o tecido histórico, fios esses oriundos de uma determinada Cultura Histórica, produzida pelos próprios integrantes desses grupos, que constroem um conhecimento mediante a matéria-prima que têm à mão, a memória. Esta, por sua vez, atua diretamente na forma de apropriação e usos dos saberes e na maneira de divulgação das representações que os atores sociais fazem sobre seu passado.

REFERÊNCIAS

Fontes:

Jornal *A Ação*, Crato - CE. Edições: 20 mai. 1967; 16 set. 1967; 23 ago. 1975.

Revista *Itaytera*, Crato - CE. Edições: 1955, n. 1; 1958, n. 4.

Bibliografia:

BARROSO, Raimundo Oswald Cavalcante. **Reis de Congo**. Fortaleza: Ministério da Cultura; Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais; Museu da imagem e do Som, 1996.

_____. **Teatro como Encantamento: Bois e Reisados de Caretas no Ceará**. Tese (Dissertação do Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2007. (mimeo).

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Ed., 2005.

Caderno de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri, Tendências – v.2, n.1 (jul./2004). Crato, 2004.

CARVALHO, José Jorge de. Metamorfoses das tradições performáticas afro-brasileiras: de patrimônio cultural a indústria de entretenimento. IN: LONDRES, Cecília [et al.]. **Celebrações e saberes da cultura popular: pesquisa, inventário, crítica, perspectivas**. Rio de Janeiro: Funarte, Iphan, CNFCP, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. arte de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **A Cultura no Plural**. Campinas: Papius, 1995.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CORTEZ, Antonia Otonite de Oliveira. **A CONSTRUÇÃO DA “CIDADE DA CULTURA”: CRATO (1889-1960)**. Dissertação do Curso de Mestrado em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2000.

FIGUEIREDO FILHO, J. de. **O folclore no Cariri**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. IN: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e patrimônio ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, 316p.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. Juazeiro e caldeirão: espaços de sagrado e profano. IN: SOUZA, Simone de [et al]. **Uma nova história do Ceará**. 3. ed. rev. e atual. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

SILVA, Simone Pereira da. **Transformações no reisado barbalhense (1970-1980)**. Salvador-Ba: XIX Encontro Regional de Estudantes de História: História, Patrimônio e Etnia, 2007 (anais eletrônicos, comunicações “Memórias da Cultura Popular”). p. 1- 9.

SOUZA, Océlio Teixeira de Souza. **A festa do pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha: algumas reflexões**. In: LIMA, Marinalva Vilar de & MARQUES, Roberto. ESTUDOS REGIONAIS: Limites e Possibilidades. CRATO: NERE/CERES Editora, 2004.

_____ **A festa do pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE): entre o controle e autonomia (1928-1988)**. Tese (Dissertação do mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, 2000, (mimeo).

VAINFAS, Ronaldo e CARDOSO, Ciro F. (orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.